



## **Comunicação e cultura subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)<sup>1</sup>**

Rafael Bellan Rodrigues de Souza<sup>2</sup>  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

### **Resumo**

Músicas, danças, performances, cartilhas, panfletos, jornais, cartazes, são inúmeras as formas de comunicação utilizadas pelo MST na construção dos significados e valores ligados à luta pela terra. A política cultural do MST busca gerar uma identidade sócio-cultural no militante sem terra, ressignificando práticas da cultura camponesa e fomentando valores contra-hegemônicos. A mística aparece, nesse contexto, como um conjunto de representações manifestadas nas mídias radicais do movimento. O estudo das práticas culturais do MST proporciona a definição do papel da mística na formação desses sujeitos políticos.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Mística; MST; Mídia Radical; Identidade Cultural

### **Introdução**

O trabalhador rural que integra o MST é bombardeado por um conjunto simbólico que busca aproximá-lo dos princípios políticos da organização, ao mesmo tempo em que promove valores articulados à cultura subalterna. A mística destaca-se nessas ações comunicativas, realizando uma leitura da luta pela terra que busca reativar a esperança para com a transformação social.

O MST destaca-se como um vigoroso movimento social que, graças as suas dimensões, alcança o status de uma organização política. Estruturado em setores diversos como formação, frente de massas, produção, comunicação, saúde, direitos humanos, entre outros, o MST desempenha um papel de aglutinador de idéias que visam transformar o campo brasileiro e propõe uma Reforma Agrária que traz em seu bojo a modificação das estruturas de produção no Brasil.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação para a Cidadania.

<sup>2</sup> Jornalista e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Atua como coordenador de Jornalismo da Rádio da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e desenvolve a Atividade Curricular de Integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão “Análise Crítica de Mídia: Jornalismo, Ciência e Cultura”. Participa também do projeto de implantação da TV UFSCar. E-mail: [bellan@ufscar.br](mailto:bellan@ufscar.br).



Seguindo como amparo legal a Constituição Federal, cujo artigo 186 obriga a desapropriação de terras por interesse social<sup>3</sup>, o MST reivindica a Reforma Agrária e combate os latifundiários, o agronegócio e as políticas de cunho neoliberal. Assim, o movimento dá continuidade a um histórico de lutas populares e sustenta sua organização na ligação com a realidade do camponês e na avaliação política constante e prática, de acordo com seus princípios organizativos, como a direção coletiva, o estudo e o vínculo com a base social. Dentre as formas de luta, destaca-se a ocupação, o acampamento permanente, as marchas pelas rodovias, os jejuns e as greves de fome, a ocupação de prédios públicos, o acampamento nas capitais, o acampamento diante de bancos, as vigílias e as manifestações nas grandes cidades.

O MST é um movimento gerado pelas convulsões políticas do final da década de setenta e possui entre seus sustentáculos a presença da Teologia da Libertação, corrente da Igreja Católica responsável pela socialização política dos trabalhadores do campo e da cidade. A mística é um forte resquício dessa presença, possuindo características de cunho eclesial voltados para o debate político e para a formação cultural.

Os dados divulgados pelo MST impressionam: são cerca de 350 mil famílias assentadas e aproximadamente 160 mil nos acampamentos. Considerando a média de quatro pessoas por família, chegamos a um total de quase dois milhões de militantes. Além disso, o movimento possui: 500 associações de produção, comercialização e serviço; 49 cooperativas de produção agropecuária com 2299 famílias associadas; 32 cooperativas de prestação de serviço; 96 pequenas e médias indústrias; 30 mil jovens e adultos inscritos no Programa de Alfabetização; 160 mil crianças estudando no Ensino Fundamental nas 1800 escolas espalhadas pelos acampamentos e assentamentos; 750 jovens inscritos em cursos universitários; e 58 jovens estudando medicina em Cuba (MST, 2004). O estudo desse movimento é uma atividade fundamental para compreendermos as dimensões da conjuntura política brasileira.

Eagleton (2005), ao afirmar que o pensamento pós-modernista pode estar chegando ao fim, afirma que os estudos culturais devem concentrar-se em questões ainda mal desenvolvidas na academia, como a religião e a revolução. A mística do MST, ao buscar aproximar a religiosidade da mudança da sociedade e criar uma cultura

---

<sup>3</sup>De acordo com o artigo, devem ser desapropriados os imóveis que não estejam cumprindo: o aproveitamento racional e adequado da terra; a utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e a preservação do meio ambiente; as leis que regulamentam as relações trabalhistas; e uma exploração da terra que favoreça o bem estar dos proprietários e dos trabalhadores.



em que a memória da esquerda proporciona o vínculo com um projeto transformador, promove uma contra-hegemonia que entende que não há nenhuma grande narrativa mais mortal do que o capitalismo globalizado.

Veremos que a mística se aproxima daquilo que Downing define como mídia radical. Uma longa citação é necessária para dimensionarmos esse conceito, que acreditamos definir o fenômeno da comunicação no MST:

Em primeiro lugar, a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em parte, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos. Muitas vezes, tem estreita relação com algum movimento social em andamento e, portanto, expressa com muita espontaneidade os pontos de vista e opiniões que não encontram espaço ou são ridicularizados na mídia oficial. Com muita frequência também, é ela que toma a dianteira na discussão de questões que só mais tarde receberão atenção da mídia oficial. Em terceiro lugar, a mídia radical alternativa não precisa censurar-se para atender aos interesses dos mandachucas da mídia, do entrincheirado poder estatal e das autoridades religiosas. Em quarto, sua própria organização interna é muitas vezes mais democrática que hierárquica (...) (DOWNING, 2002, p.81).

## **A Mística**

A mística é um forte exemplo da presença católica na articulação do MST. Stédile (2001) afirma que, nos primórdios do movimento, a mística já possuía a função de gerar a unidade política, contudo, seu caráter litúrgico predominava. Posteriormente, foi discutido que a mística deveria fazer parte da vida do sujeito sem terra e não deveria ser reduzida aos espaços exclusivos, como os Encontros e os Congressos. Ela deve ser praticada, segundo o dirigente, em todos os eventos que reúnam as famílias sem terra, visto que ela é a demonstração de um sentimento de participação.

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de “mistério” ou de “mística”. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí está se manifestando a mística (BOGO, 1999, p.127).

A principal forma de manifestação dessa mística revolucionária é a encenação dramática. A cultura camponesa é representada pelo culto à terra e à natureza, celebrada



como geradora de alimentos e bem precioso da humanidade. Utilizando-se de vestimentas, performances dançantes, músicas e muitas vezes o teatro, esses desenvolvimentos buscam demonstrar valores humanistas e socialistas. Inúmeros temas podem ser abordados na mística, contudo, há a predominância de tópicos relacionados à opressão causada pelos grupos dominantes e a resultante emancipação dos povos oprimidos, celebradas com canções e festas. A visão de identidade cultural é reforçada como fundamental na transformação social, ou seja, as raízes camponesas somadas ao sentimento de pertencimento à organização MST. Ferreira (2001) defende que a cultura subalterna pode articular formas de oposição à hegemonia, promovendo conteúdos libertadores:

Através da música, da dança, dos mitos, dos ritos e de toda uma produção artesanal, a América Latina oferece aos estudiosos das mais diferentes áreas e das mais diversas linhas interpretativas todos os elementos para desvelar as concepções mítico-religiosas, políticas, estéticas de seus povos. A concepção de tempo livre, considerada como um instrumento de grande criatividade, é também determinante para a constituição da estrutura social, principalmente quando seus agentes mais destacados são artistas do povo, e também porque é neste espaço de tempo livre onde se conformam as identidades sociais (p. 87).

Uma nova cultura é criada no MST, ressignificando valores tradicionais da cultura camponesa, como as práticas agrícolas, a culinária, os rituais, o misticismo e as festas. A luta pela terra é demonstrada como a batalha pelo reenraizamento do trabalhador ao campo, o que possibilita sua liberdade. Como o movimento baseia-se na participação efetiva de seus componentes, a política cultural do MST visa inserir os princípios da organização nas visões de mundo que compõem o imaginário cultural do camponês, gerando constantemente temáticas relacionadas a esses valores. A expressão desse conjunto simbólico penetra as mídias radicais do movimento, ou seja, nos jornais, cartazes, encenações, músicas e mesmo nos discursos das lideranças.

Tomando-se cultura em seu sentido amplo, pode-se considerar que é no espaço cultural, na cotidianidade, portanto, que se dão as relações da classe subalterna com o mundo material e com as classes hegemônicas; as exposições aos valores modernizadores da cultura hegemônica; as manifestações das formas adaptativas, de resistência e de recriação do uso das mensagens que recebem, gerando formas peculiares de participar do mundo (FERREIRA, 2001, p. 88).

A mística explora a dimensão religiosa do socialismo. Semelhante ao movimento zapatista mexicano, que possui uma forte carga simbólica que celebra a luta revolucionária, o MST ritualiza sua história e os mártires da esquerda e da religião. Löwy (2005) ao explorar o espírito romântico do pensamento de Mariátegui busca um referencial para entender as peculiaridades da esquerda latino-americana.

A crítica romântica da modernidade capitalista é elaborada com base a valores sociais, éticos, culturais ou religiosos pré-capitalistas, configurando, em última análise, uma tentativa desesperada de “reencantamento do mundo”. Pode tomar formas regressivas e reacionárias, mas também utópicas ou revolucionárias, como, por exemplo, na corrente marxista – passível de ser definida como “romântica” – de William Morris até E.P. Thompson, do jovem Lukács até Ernst Bloch, e de Walter Benjamin até Herbert Marcuse (LÖWY, 2005, p. 106).

Segundo Löwy, Mariátegui sinaliza em sua obra a “dimensão espiritual e ética do socialismo, a fé no combate revolucionário, o compromisso total pela causa emancipadora, disposição heróica para arriscar a própria vida” (2005, p. 106). O marxista peruano defende o potencial religioso do socialismo, assemelhando-se a Gramsci no tocante de que as massas, para apropriarem-se do conhecimento marxista, absorveriam o compromisso com a causa emancipadora por meio da fé. As classes subalternas constroem formas românticas de compreensão das questões políticas por meio de cultos, rituais e celebrações místicas que possuem um papel fundamental na formação da sua identidade social.

As manifestações de origem ancestral, principalmente quando se constituem em movimento coletivo, são veículos de idéias daqueles que lutam pela hegemonia interna dos grupos nas mais diferentes sociedades, sendo, também, um componente estratégico da luta social e um elemento fundamental na construção da identidade local, regional e também nacional (FERREIRA, 2001, p. 86).

Mariátegui (apud LÖWY, 2005) defende que uma revolução é sempre religiosa. Para ele, a palavra religião ganha novos contornos, significando algo que estrapola os limites dos ritos e da Igreja. Para ele, o comunismo preenche as necessidades de infinito que existem no homem, alimentando esperanças e gerando ânimo para as lutas que pairam no horizonte. Os heróis da luta social e popular devem ser cultivados para que seus exemplos não sejam esquecidos.



Nossa hipótese é de que a mística manifesta um conjunto simbólico extremamente eficiente na formação de visões de mundo, sendo uma ferramenta de coesão frente aos princípios do MST e um elemento reconfortante, por sua característica religiosa, nos momentos de maior arrefecimento da luta e das necessidades advindas da situação econômica dos camponeses que se entregam à luta pela Reforma Agrária. A recepção desses conteúdos ocorre de forma contraditória, mas fornece subsídios para o desenvolvimento de posicionamentos políticos alternativos, entrando em confronto com o imaginário hegemônico cimentado na consciência das camadas populares. Embora ativo, o receptor da mística, permeado pela situação de extrema exclusão social em que vive, tende a afinar-se com os novos valores defendidos pela mística, o que não significa o rápido abandono de valores conservadores arraigados.

Acompanhamos uma mística na Assembléia Popular, realizada em Brasília no ano de 2005, que ilustra bem a temática da emancipação dos trabalhadores. No palco, algumas pessoas vestidas de agricultores cultivam a roça, outras fantasiadas de indígenas dançam e membros de um quilombo trabalham. Esses três grupos atuam em separado, desenvolvendo simultaneamente suas ações. A música retrata as peculiaridades da América. Logo, chega um grupo com homens vestindo ternos e outros, semelhantes a jagunços, os acompanham. Eles carregam um cartaz com os dizeres: “Bem vindos ao progresso”. Com eles, surge a cerca e uma espécie de político que carrega em sua cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos (referência ao personagem Tio Sam). Atrás do político, em uma caravana, aparecem homens com becas, representando o aparato das leis. Começa o confronto. Os jagunços violentam os índios. Um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos. O conhecimento, representado pelo lápis, é usado contra os trabalhadores. Os três grupos, ao serem colocados juntos na escravidão passam a entrar em contato e ocorre a partilha entre eles. Nesse momento, dados sobre a exclusão dos índios e negros e sobre a desigualdade social são enumerados. Os grupos, unidos, libertam-se, os opressores fogem. Todos dançam, espalhados pelo palco. Bonecos gigantes representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco. Após as apresentações dos convidados das palestras, a mística retorna. Os participantes dançam e surgem cuspidores de fogo, que, com roupas nas cores verde e amarelo, fomentam a chama da luta. Os oprimidos colocam suas mãos na direção do fogo, para receber a energia revolucionária. Cria-se uma roda e todos os presentes na Assembléia são convidados a participar. A vitória dos oprimidos simboliza a vitória de todos e a platéia entra no



palco, celebrando a conquista da liberdade. Os bonecos participam de eventos até o final do dia, alegrando as atividades políticas.

### **Cultura e transformação social**

Mészáros (2004) afirma que chegamos a um momento crucial da civilização, em que uma crise estrutural afeta o sistema capitalista como um todo. Para o filósofo húngaro, a capacidade de desenvolvimento do capitalismo beira seus limites estruturais, perdendo sua potencialidade civilizatória e gerando os sintomas degradantes do desemprego estrutural e da destruição ambiental. Crítico voraz da globalização econômica, Mészáros afirma que o desemprego crônico evidencia o limite insuperável do sistema do capital. Nesse momento, está nas mãos dos homens reconfigurar seu modo de reprodução sociometabólica ou entregarem a civilização à barbárie. As mediações para que isso ocorra é a constituição positiva de uma nova forma de convívio social e de produção das necessidades vitais da humanidade. Essencial a esse processo, é o papel da ideologia emancipatória, capaz de tornar os homens conscientes de seus interesses e motivados a lutar por eles.

Uma preocupação semelhante afeta Eagleton (2005). Para ele, a configuração de uma nova narrativa global do capitalismo nos desperta para a necessidade de revitalizarmos o papel da teoria e explorarmos questões antes abandonadas. Tecendo uma reflexão sobre os inícios e os caminhos da teoria cultural nestes tempos sombrios, Eagleton condena o pós-modernismo ao exílio. Segundo ele, muito das teorias hoje em voga são pálidas versões dos originais apontamentos realizados pelos teóricos do marxismo ocidental. Gramsci, Lukács, Benjamin, Adorno e Horkheimer, Goldman, Sartre, Jameson, Reich, Bloch, são teóricos que configuram a herança mais rica dos estudos da cultura. O horizonte da política permanece como um referencial indispensável, embora não devesse ter a obrigação de ser assim.

É verdade que, numa ordem social que necessita urgentemente de reparos, a teoria tem, com certeza, que estar atrelada a fins políticos práticos. Mas saberíamos que, quanto a esse aspecto, uma ordem social teria melhorado quando não mais sentíssemos a compulsão de justificar nosso pensamento no tribunal da utilidade. Seríamos então capazes de pensar por pensar, sem sentir o impulso neurótico de ter que nos desculpar por isso (EAGLETON, 2005, p. 127).



A perspectiva de discussão de questões políticas está nas bases das articulações dos estudos culturais ingleses. Williams, Thompson, Hoggart e até Hall mantinham um diálogo extremamente profícuo com o marxismo. Na maior parte de seus textos a cultura recebe o sentido de uma região de disputas acerca dos modos de vida diferentes relacionados à existência de relações de poder. O conceito de cultura é associado à idéia de prática que aponta para o sentido de ação. Essas ações podem intervir no conhecimento sobre o passado e também modificar a história. As estruturas sociais e o contexto histórico tornam-se referências para entender a prática de troca de sentidos entre os membros de uma sociedade. Os estudos culturais britânicos enxergam o sentido cultural como um resultado da relação entre produção, distribuição e recepção cultural com as práticas econômicas.

Deve-se também acentuar o fato de que os estudos culturais britânicos devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos (ESCOSTEGUY, 2001, p. 158)

A dimensão desses estudos permite pensarmos a indissociabilidade entre a análise da comunicação, as relações de poder e as estratégias de mudança social. Muitos dos temas explorados por esses teóricos permanece atual. A escola latino-americana de comunicação recorre constantemente a essas fontes. Contudo, uma aproximação com os ideais pós-modernos afasta-a, em geral, das preocupações com a necessária emancipação econômica dos trabalhadores. Ao negar a ortodoxia de certos estudos marxistas, alguns desses teóricos, como o próprio Martin-Barbero (2003), acumplicia-se da flexibilização da teoria e a aceitação do “fim da ideologia”, pensamento, segundo Mészáros (2004), típico dos que abandonaram os projetos de transformação social.

Retornar a um olhar sobre a comunicação e a cultura que não abandone a finalidade política, nem descarte o potencial transformador dos movimentos sociais faz parte de nossa perspectiva. A avaliação do modelo de mediações que se estabelecem entre comunicação, cultura e política (esquema que move-se em dois eixos: o de longa duração entre matrizes culturais e formatos industriais e o de curta duração entre as lógicas de produção e as competências de recepção ou consumo) proposto por Martin-Barbero (2003) pode ser realizado à luz do pensamento gramsciano, uma das bases de suas elucubrações e de Raymond Williams, que embora valorize as manifestações culturais cotidianas, não descarta a utopia política. O teórico inglês afirma que é



impossível desvincular a cultura da vida social material e critica os estudos (de cunho idealista) que as separam.

Assim, as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram por longo tempo irrealizadas, e com frequência substituídas na prática por um universalismo abstrato unilinear. (p.25, 1979)

O conceito de hegemonia, proposto por Gramsci traz em seu cerne a estratégia de transformação das relações de produção e da cultura. Um dos sentidos de bloco histórico do filósofo italiano é a união dialética entre base econômica e superestrutura ideológica, conexão que pode ser definida como um dos propulsores da história. Para Gramsci, a hegemonia seria a direção moral e intelectual de uma sociedade, onde a dominação “física” e corpórea é auxiliada pela instauração do consenso. O poder de coesão, conectado ao consenso, constituiria o predomínio de uma visão social de mundo e de convívio social.

A existência da hegemonia pressupõe, indubitavelmente, que os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais ela será exercida sejam levados em consideração, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Mas é também evidente que esses compromissos e sacrifícios não concernem o essencial, pois, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser econômica também e ter seus fundamentos na importante função que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, p. 24, 2005).

A questão da contra-hegemonia realizada pelos movimentos sociais direciona as reflexões de Downing sobre a mídia radical alternativa, definida por ele como “a mídia – em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (2002, p.21). Manifestada de diversas formas (músicas, pôsteres, discursos políticos, jornais, romances, histórias em quadrinhos, danças, performances teatrais, rádios populares, internet, entre outros) a mídia radical possui o papel de questionar os valores que alimentam o *status quo* e manter viva a chama de uma transformação social profunda. A mística, como um sentimento de mistério que manifesta-se nas mídias radicais do MST é um sentido produzido que possui finalidades políticas e que busca a criação de uma identidade ligada claramente aos princípios do movimento.

Martin-Barbero (2006), aceitando a visão reticular de sociedade da informação proposta por Castells e inspirado na reflexão de Hall (1999) sobre a questão da



identidade cultural, aponta que, embora flexibilizada, a identidade abre espaço para realçar velhas exclusões, sendo um espaço de memória e solidariedade, além de refúgio no qual os sujeitos defrontam-se com tradições morais.

Há muito havia sido reconhecido em círculos radicais que a mudança política tinha que ser ‘cultural’ para ser efetiva. Qualquer mudança política que não se entranhe nos sentimentos e nas percepções das pessoas – que não obtenha seu consentimento, engaje seus desejos e permeie seu senso de identidade – está provavelmente fadada a não durar muito (EAGLETON, 2005, p. 75)

A recriação de valores, muitos dos quais trazidos do passado, são indispensáveis para o (re)enraizamento do trabalhador rural sem terra (SILVA, 2004). A mística, que une em sua base o romantismo, a religiosidade e o marxismo, parece atuar no sentido de criação desse sentimento de pertencimento. Como afirma Martin-Barbero, em momento de lucidez,

a comunicação e a cultura constituem hoje um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige que a política recupere sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva (2003, p. 15).

### **Considerações finais**

Acreditamos que a abordagem desenvolvida neste texto aponta uma problemática de extrema importância no atual contexto político, ou seja, como se efetiva a construção da identidade do camponês que se envolve com um movimento do porte do MST. O papel da mística permite tecermos considerações sobre as relações entre a religiosidade e os movimentos sociais na América Latina.

Compreendendo a mística como um conjunto simbólico de característica eclesial que se manifesta em diversas mídias radicais do MST, vemos que as performances artísticas e dramáticas, os altares, as canções, o jornal e as festas populares geradas pela confraternização mística constroem e reconfiguram a identidade coletiva desse movimento social. O estudo das práticas culturais desse grupo permite um panorama do desenvolvimento da identidade e da práxis política do trabalhador rural que se aproxima da organização. A reflexão desenvolvida aqui ressalta a hipótese de que os meandros



que envolvem a cultura subalterna no seio dos movimentos sociais, em especial o MST, articulam uma compreensão social indispensável à prática política desses grupos.

### Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. Teses sobre a história. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical**: Rebelião nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

EAGLETON, Terry. **Depois da teoria**: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. Trad. Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Unesp: Editora Boitempo, 1997.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina e JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

ESCOSTESGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luis C., FRANÇA, Vera Veiga (Orgs). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas, tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano e STÉDILE, João Pedro. **Brava Gente**: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

FERREIRA, M. N. **A cultura como instrumento de integração latino-americana**. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. VII, n. 3, p. 85-90, 2001.

FERREIRA, M. N. **Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade**. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. VII, p. 121-140, 2000.



FERREIRA, M. N. **Globalizar a luta para globalizar a esperança**. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. 23, n. 03, 2005.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina e SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

GOHN, Maria da Glória. **Mídia, Terceiro Setor e MST**. Petrópolis: Vozes, 2000.  
GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.  
HALL, Stuart. Codificação/ decodificação. In: \_\_\_\_\_. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2006.

LÖWY, Michel. **Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião**. Estudos Avançados, 19 (55), 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Marx, nosso contemporâneo, e seu conceito de globalização**. Comunicação apresentada ao Encontro Internacional “Civilização ou Barbárie”, Serpa, 23-25/09/2004.

MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MST. **Quem somos**. Disponível em [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br). 24/06/2004

OLIVEIRA, Juarez, (Org). **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1990.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação no campo comunicacional: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: MELO, José Marques de; e GOBBI, Maria Cristina (Org). **Pensamento Comunicacional Latino-Americano: da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico**. São Bernardo do Campo: Unesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2004.

PROSS, Harry. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1980.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madrid: Ensayo, 1998.

SADER, Emir (Org). **Gramsci: poder, política e partido**. São Paulo: Expressão popular, 2005.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: UNESP, 2004.

THOMPSON, Jonh B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Nacional, 1969.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.